

## **Uma análise comparatista: atitude feminista das protagonistas dos contos *Um par de meias* e *O temporal*, de Kate Chopin**

Walter Vieira Barros\*

Edith Estelle Blanche Owono Elono\*\*

Suênio Stevenson Tomaz da Silva\*\*\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparatista das protagonistas Sra. Sommers e Calixta dos contos de Kate Chopin, *Um Par de Meias de Seda* (1896) e *O Temporal* (1898), respectivamente. Para isso, a análise deteve-se a momentos no conto, tratados por nós como imagens sinestésicas, que propiciam um despertar das protagonistas concernente a seus desejos femininos que estavam reprimidos pelo patriarcalismo. Em uma sociedade patriarcal, as diferenças biológicas entre homens e mulheres são institucionalizadas em grupos de papéis sociais e culturais específicos para cada sexo (SULTANA, 2011). É nesse cenário, mais especificamente no século XIX, no contexto estadunidense, em que esses contos da escritora Kate Chopin foram publicados. Em ambos os contos, Chopin traz protagonistas femininas que mesmo imersas e influenciadas pelo patriarcalismo, buscam atuar como sujeitos autônomos que assumem suas vontades e desejos (SILVESTRE, 2007). Isso é percebido nas imagens sinestésicas presentes nos contos em que a mobilização de sentidos distintos leva as protagonistas a assumirem um papel mais autônomo na satisfação de seus desejos, que seria algo característico do gênero masculino, como forma de crítica à sociedade dominada pelo discurso hegemônico e masculino.

**Palavras-chave:** Gênero; Imagem Sinestésica; Atitude Feminista.

## **A comparative analysis: feminist attitude of the main characters of Kate Chopin's short stories "A pair of silk stockings" and "The Storm"**

**Abstract:** A comparative analysis of the main characters, Mrs. Sommers and Calixta, from Kate Chopin's short stories "A Pair of Silk Stockings" (1896) and "The Storm" (1898), is the aim of this study. In order to do so, the analysis took into account moments that we call synesthetic images, which awake in the main characters some feminine feelings which were suppressed by patriarchalism. In a patriarchal society, biological differences between men and women are institutionalised in specific cultural and social roles to each sex (SULTANA, 2011). It is in this social setting, specifically in an American context during the nineteenth century, that Kate Chopin's short stories were published. In both short stories, Chopin portrays female main characters who, although being immersed and influenced by patriarchalism, seek acting as autonomous subjects who accept their will and wishes (SILVESTRE, 2007). It is noticed in the synesthetic images that the mobilisation of distinct senses conduct these characters to take a more active role in the satisfaction of their wishes, that could be considered as a male feature, as a way to criticise a society controlled by hegemonic and male discourse.

**Keywords:** Gender; Synesthetic Images; Feminist Attitude.

---

\*Graduando em Letras – Língua Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: waltervieirabarros@gmail.com

\*\* Graduanda em Letras – Língua Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: stephyowono@yahoo.com

\*\*\* Professor Assistente de Língua e Literatura Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: suenio Stevenson@hotmail.com



## **1 Introdução**

Em uma sociedade patriarcal, as diferenças entre homens e mulheres são institucionalizadas em grupos de papéis sociais e culturais específicos para cada sexo (SULTANA, 2011). Isto é, uma organização social baseada na distinção de gêneros em que o homem assume papel de superioridade e a mulher um de inferioridade, o da simples reprodutora que tem de abdicar de seus desejos e sonhos para servir a sua família.

O século XIX foi marcado por transformações (políticas, econômicas, culturais, etc.) e movimentos revolucionários que tinham por princípio a igualdade. Em meio a esse cenário de movimentos revolucionários, as mulheres começam a escrever, a fim de expor o estado submisso em que viviam na época, através da criação de personagens que promovessem questionamentos acerca das relações de gênero dentro da sociedade. Uma dessas mulheres do século XIX, que escrevia sobre o papel da mulher dentro de um contexto amplamente patriarcal, foi Kate Chopin (SILVESTRE, 2007; OLIVEIRA, 2013).

Diante dessas considerações, temos como objetivo neste trabalho fazer uma análise comparatista das protagonistas de dois contos da autora, Sra. Sommers de “Uma Par de Meias de Seda” (1896) e Calixta de “O Temporal” (1898). Na análise, ressaltamos o uso de imagens sinestésicas e de símbolos, em ambos os contos, que são utilizados de modo a destacar o significado por trás das atitudes das protagonistas femininas, suscitando assim uma melhor compreender a crítica ao patriarcalismo, principalmente no que diz respeito ao ‘direito’ de satisfação de seus desejos, da sexualidade feminina.

## **2 Os valores patriarcais e as relações de gênero**

Em uma sociedade patriarcal as diferenças biológicas entre homens e mulheres se institucionalizam em um grupo de regras sociais e culturais específicas para cada sexo definido como norma (SULTANA, 2011). Dessa forma, tal modelo de sociedade organiza-se em gêneros onde o homem assume um papel superior enquanto a mulher, a simples reprodutora que tem de abdicar de seus desejos para servir a sua família, assume o papel secundário, o da dependente do homem. Para melhor entendermos essa forma de organização da sociedade, faz-se necessário uma breve distinção entre sexo e gênero.

Segundo Gouveia (1999), o sexo se refere às diferenças presentes em nossos corpos, aspectos físicos e biológicos de macho e fêmea, que se desenvolvem ao longo de nossa vida.



Essas diferenças sexuais formam a base para a criação de ideais do que é, ou deveria ser, um homem e uma mulher por parte da sociedade, formando as representações de gênero (masculino e feminino). Logo, também se estabelecem ideais de como deveria ser a relação homem-mulher, mulher-mulher e homem-homem. Isto é, a sociedade não só cria os ideais, as representações de gêneros, como também as relações entre esses, em que feminino e masculino estão dispostos como em uma ‘dicotomia’, sendo o polo masculino mais valorizado. “Assim, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, de acordo com seu sexo” (GOUVEIA, 1999, p.12). Mas, sendo o gênero uma construção social, ele não se apresenta sempre da mesma forma em todas as épocas e lugares.

Da mesma forma que o gênero, nossa sexualidade também não é dada pela natureza. Embora cada sujeito nasça com um sexo, os comportamentos, desejos e sentimentos são influenciados (ou criados) de acordo com as relações de gênero, organizadas pela sociedade. Assim, podemos dizer que a sexualidade “é uma vivência que começa a ser criada em nós, e por nós” (GOUVEIA, 1999, p.18), em que as meninas desde cedo, por exemplo, percebem sua sexualidade como algo a ser escondido enquanto os meninos percebem como algo que deve ser expressado. Isso explica a tendência das mulheres, até mesmo nos dias atuais, esconderem ou mesmo esquecerem tais sentimentos e desejos, já que tais sensações e pensamentos vão de encontro com o que o mundo espera de uma mulher, isto é, do ideal/representação do que é ser uma mulher. Essa negação do prazer, além de conflitos, reafirma a desigualdade das relações de gênero.

Esses tipos de relações e representações de gênero, embora de maneira muito menos rígida, ainda existem, uma vez que a sociedade (patriarcal) e seus mecanismos de controle – símbolos, normas, valores e instituições – constrói e mantém essas relações. É neste cenário patriarcal descrito nessa seção, mais especificamente, no século XIX, no contexto estadunidense, em que os contos da escritora Kate Chopin, “Um Par de Meias de Seda” (1896) e “O Temporal” (1898) foram publicados.

### **3 Kate Chopin**

Segundo Knop e Guerra (2011), a escritora Kate Chopin (1850-1904) nasceu em St. Louis, Missouri, filha de Thomas O’Flaherty, comerciante irlandês, e Eliza Faris. Aos dezenove anos Kate mantinha um diário sobre os bailes que frequentava. Em um desses bailes



ela conheceu Oscar Chopin, homem de negócios de Louisiana. Em junho de 1870, ela casou-se com Oscar e ao retornarem da lua de mel, instalou-se em New Orleans onde conheceu Victoria Woodhull, feminista convicta, que a alertou sobre o risco que muitas mulheres casadas de sua época tinham de ter uma vida inútil e degradante. Ao encontrar algumas dificuldades financeiras, em 1878, se mudaram para Natchitoches Parish na comunidade de Cloutierville onde abriram um mercado.

Em 1882, Oscar apresentou sintomas de febre amarela e faleceu. Chopin começou a administrar o mercado e em 1884 retorna para St. Louis onde começou a escrever esboços sobre sua vida em Natchitoches Parish. Paralelamente, o médico Kolbenheyer a apresentou a círculos de intelectuais e encorajou suas ambições literárias. Em 1889, quatro anos após a morte de sua mãe, Chopin começou a publicar como escritora profissional. Em uma década escreveu três novelas e uma centena de contos. (KNOP; GUERRA, 2011).

Segundo Silvestre (2007), Chopin pautou seus trabalhos num realismo crítico, enfrentando assim os rígidos preceitos da tradição patriarcal vigente no século XIX. A escritora ficou conhecida ainda em vida, principalmente quando fez parte de um grupo de escritores intitulado *local colorists*<sup>1</sup> em que as obras de seus integrantes retratavam aspectos e costumes típicos de determinadas regiões dos Estados Unidos, sendo considerados regionalistas.

Embora ‘regionalista’, a autora transcende aquele universo micro para teorizar sobre a sociedade de forma mais abrangente e abordar diversas questões de natureza universal em que além dos conteúdos regionalistas, abordou temas ligados à condição humana, principalmente a feminina, demonstrando uma conscientização acerca dos rigores ideológicos da sociedade de sua época.

Ainda que tenha vivido antes de se ter criado o termo *feminismo*, pode Kate Chopin ser considerada uma escritora feminista? Sim, principalmente se considerarmos ‘feminista’ não como uma militante da metade do século XX ou como quem defende a valorização dos direito e interesses das mulheres, mas “como aquela que, à sua maneira, conseguiu visualizar e denunciar as condições de desigualdade entre os sexos, mesmo tendo vivido muito tempo antes de ter sido cunhado o termo ‘Feminismo’” (SILVESTRE, 2007, p.12).

De fato, o século XIX trouxe mudanças significativas. Dentre elas, uma melhor compreensão dos papéis tradicionais femininos, motivando uma alteração na perspectiva de

---

<sup>1</sup> “Grupo de escritores que mesclavam elementos românticos às descrições realistas e eram interessados em descrever os dialetos, a região e os costumes do povo” (SILVESTRE, 2007, p.29).



vida das mulheres, tornando-se possível assumir uma posição de sujeito, política e futura cidadã. Além disso, o questionamento da sexualidade em que a reprodução começa a perder o lugar de protagonista nas relações sexuais, assim, abrindo espaço para discussões acerca do desejo e prazer sexual feminino.

Considerando que cada obra literária carrega em si conjunto de ideologias sociais, vemos que os contos de Kate Chopin evidenciam questionamentos e/ou contestações no que concerne o papel feminino enquanto mulher e esposa no século XIX, que historicamente foi marcado por transformações (políticas, econômicas, culturais, etc.) e movimentos revolucionários que tinham por princípio a igualdade. Em meio a esse cenário as mulheres começam a escrever, a fim de lembrar ou enfatizar o quão secundário era seu o papel naquele contexto, através da criação de personagens que promovam questionamentos acerca das relações de gênero dentro da sociedade (SILVESTRE, 2007; OLIVEIRA, 2013).

#### **4 Analisando as protagonistas dos contos**

De acordo com Ginez *et al.* (2012) a palavra sinestesia é derivada do grego *synaisthánesthai* – *syn*: junto; *aisthánesthai*: perceber – e significa percepção simultânea. O termo pode ser definido, segundo Ginez *et al.* (2012) e Mari (2014), como uma associação ou integração de sensações diversas que são percebidas contemporaneamente. Segundo o dicionário Aurélio, sinestesia seria a combinação de percepções de natureza sensorial distinta. Logo, entendemos a sinestesia, dentro de um texto literário, como um recurso cujos sentidos (audição, tato, olfato, paladar e visão), despertados através de elementos externos, se integram de forma a contribuir para um *insight*, para um sentimento, ou a revelação desse sentimento/desejo pela personagem, como será evidenciado nesta proposta de análise. A esses momentos em que sentidos despertados se integram e contribuem para um *insight*, chamamos imagens sinestésicas.

Portanto, veremos como as protagonistas Sra. Sommers e Calixta, dos contos “Um Par de Meias de Seda” (1896) e “O Temporal” (1898) respectivamente, têm, por meio de imagens sinestésicas, sua sensibilidade feminina aguçada. Isto faz com que ajam, mesmo que por um momento, de maneira autônoma na satisfação de seus desejos que até então eram reprimidos pela sociedade patriarcal. Esse comportamento é visto aqui como uma forma, mesmo que sutil, de crítica ao patriarcalismo, no que concerne ao direito de sentir desejos (sexuais ou não),



colocando essas protagonistas femininas em situações que vão contra o ideal de mulher em uma sociedade dominada pelo discurso hegemônico e masculino.

Já no início do conto, em que Sra. Sommers é protagonista, percebemos o uso dessas imagens sinestésicas, uma vez que o volume dos 15 dólares na *porte-monnaie* (carteira, porta moeda) da protagonista dava-lhe uma sensação de importância. Mas esse primeiro momento não foi forte o suficiente para fazê-la esquecer dos compromissos domésticos, de mãe de família.

Ao sair no intuito de utilizar aquele dinheiro para suprir as necessidades dos filhos, ela que está zozza e cansada por não ter almoçado

Sentou-se em um banquinho giratório, na frente de um balcão que estava relativamente abandonado [...] uma sensação de moleza e de desmaio havia tomado conta dela e a fez apoiar a mão de qualquer jeito sobre o balcão. Ela estava sem luvas. Aos poucos foi percebendo que sua mão havia encontrado algo muito reconfortante, muito agradável. Olhou e viu que sua mão descansava sobre uma pilha de meias de seda. [...] mas ela continuava sentindo a maciez daquela coisa brilhosa, de luxo [...] (CHOPIN, 2011, p.20-21).

Vemos dois sentidos, visão e tato, sendo mobilizados nesse primeiro momento de deslumbre, que podem ser percebidos a partir da utilização do adjetivo *brilhosa* e do substantivo *maciez*, ambos relacionados a características das meias. Quando ela toca nas meias “brilhosas e de luxo”, a maciez desperta uma sensação agradável em Sra. Sommers que de agora em diante começa a construir uma espécie de emancipação (SILVESTRE, 2007), através da sedução e do fascínio que um par de meias de seda exerce sobre ela. É como se as meias despertassem a mulher que estava adormecida/esquecida devido à *anulação* desse eu que tem desejos – necessária e exigida pela sociedade patriarcal (SULTANA, 2011; GOUVEIA, 1999).

Com essa excitação aflorada através do tato e da visão, ela compra um par de meias de seda e vai ao banheiro feminino e “[...] Ali, num canto isolado, ela trocou as meias de algodão pelas novas, de seda, que havia acabado de comprar” (CHOPIN, 2011, p.21). Mesmo gastando o dinheiro com algo que não estava em seu planejamento prévio, ela não demonstra algum sofrimento, tão pouco estava debatendo consigo mesma. Ela “simplesmente não estava mais pensando [...] parecia descansar daquela função laboriosa e fatigante, deixando-se levar por algum impulso mecânico que dirigia suas ações e libertava-a de responsabilidades” (CHOPIN, 2011, p.21).

É, também, importante destacarmos os adjetivos utilizados para descrever o papel que ela vem assumindo até então. Esses adjetivos *laboriosa* e *fatigante* nos mostra o quão não



prazeroso estão sendo os dias em que ela esteve totalmente dedicada a esse papel da mulher que se autossacrifica e se anula em prol do bem estar de outros.

Desse momento em diante, deparamo-nos com uma Sra. Sommers que se deixa conduzir por seus prazeres. Talvez essa Sra. Sommers já tenha existido antes, apenas foi acordada com um toque da meia de seda. Isso pode ser evidenciado na citação que segue:

Os vizinhos, às vezes, falavam de certos ‘dias melhores’ que a pequena Sra. Sommers tinha conhecido antes mesmo de ela sequer ter pensado em ser a Sra. Sommers. Ela mesma não se permitia tal retrospectiva mórbida. Não tinha tempo – nem um segundo de tempo para se dedicar ao passado (CHOPIN, 2011, p.21).

Isso nos revela uma crítica ao papel que é designado à mulher pela sociedade patriarcal (SULTANA, 2011), principalmente no papel de ‘mãe de família’ no qual ela chega ao ápice da submissão e da anulação de si mesma.

Em seguida, a protagonista segue comprando um par de sapatos, um par de luvas e revistas caras. Ela não mais “se importava com um ou dois dólares a mais no preço, desde que encontrasse o que desejava” (CHOPIN, 2011, p.22). Sra. Sommers está com fome e resolve entrar em um restaurante onde nunca havia entrado antes, apenas o admirava do lado de fora. O garçom se aproxima para anotar o pedido, mas ela não está interessada em comer uma abundância de comida, “não queria uma profusão de coisas: estava era louca para comer algo bonito e saboroso” (CHOPIN, 2011, p.23). Nesta imagem sinestésica, percebemos o quão sensível estão seus sentidos já que, embora faminta, prefere comer poucas coisas, mas que lhe dê prazer. Ainda no restaurante, percebemos fortemente o uso das imagens sinestésicas uma vez que alguns sentidos (audição, tato e paladar) são excitados e ao mesmo tempo direcionados à ‘revelação’ da sensação prazerosa que ela está sentindo.

Um acorde musical suave e agradável podia ser ouvido, e uma brisa suave soprava na janela. Ela experimentou uma garfada, leu uma ou duas palavras, bebericou do vinho cor de âmbar e movimentou os dedinhos dos pés nas meias de seda. O preço daquilo não fazia menor diferença (CHOPIN, 2011, p.23).

Ao sair do restaurante, vai ao teatro onde “ela juntou tudo – elenco, peça e público em uma só impressão, e absorveu-a e desfrutou-a [...] a peça terminou, a música cessou, as pessoas saíram em fila. Era como o fim de um sonho” (CHOPIN, 2011, p.24). Nessa imagem sinestésica construída no teatro os sentidos de visão e audição são mobilizados, ela sorri e chora assistindo a peça, que termina junto com esse momento de autossatisfação de seus desejos. O teatro pode



ser visto como símbolo que representa esse momento que Sra. Sommers viveu, uma vez que assim como um espectador que vai ao teatro ‘esquece’ de sua própria vida e mergulha num mundo completamente diferente do seu, mas que volta a sua realidade ao término da peça. E foi isso que aconteceu com a protagonista do conto.

Ao sair do teatro e pegando um bonde de volta para casa, percebemos que a “imensa vontade de que o bonde não parasse jamais em lugar algum, mas que seguisse e seguisse com ela para sempre” (CHOPIN, 2011, p.24) toma conta da Sra. Sommers. Esse momento revela, embora de maneira tímida, sua vontade de ser protagonista em sua própria vida e não apenas uma personagem secundária que tem como objetivo facilitar a vida de seus familiares. Isso não significa dizer que ela tinha desprezo pelos mesmos, apenas queria o direito de também poder se dedicar a si própria.

O título do conto “Um Par de Meias de Seda”, a partir do que foi exposto, pode ser visto como um símbolo emblemático e atrelado ao feminino, e elemento importante para o desenvolvimento da protagonista ao longo da narrativa. Fica-nos que as meias de seda despertam em Sra. Sommers sua autoestima, amor próprio e prazer, alavancando uma revalorização de sua pessoa enquanto mulher. Despertam, ainda, o ressurgimento de desejos e sentimentos adormecidos, pois ao vestir as meias de seda a protagonista do conto literalmente assume um papel diferente do que ela vem adotando até o momento e diferente do que era esperado pela sociedade patriarcal da época (GOUVEIA, 1999; SULTANA, 2011).

Em relação ao segundo conto, “O Temporal”, vemos semelhanças com o conto anterior no que diz respeito à utilização de imagens sinestésicas como meios para despertar os sentimentos e desejos adormecidos na protagonista, Calixta.

Enquanto o marido e o filho de Calixta estão na cidade, em uma loja, aproxima-se um temporal que os impede de voltar para casa onde Calixta estava sozinha “sentada junto a uma janela lateral, costurando furiosamente na máquina de costura. Estava muito ocupada e não notou o temporal se aproximando” (CHOPIN, 2011, p. 48). A primeira imagem que temos da protagonista, assim como no conto “Um Par de Meias de Seda”, é a de mulher totalmente dedicada à família, como é considerado ideal em uma sociedade patriarcal (SULTANA, 2011).

Ao perceber o temporal, ela vai à varanda para recolher as roupas que estavam no varal e encontra Alcée Laballière. Calixta já o havia encontrado em *Assumption* alguns anos atrás, quando era solteira, e por quem ela tinha sido beijada. Na varanda ela o vê entrando pelo portão em seu cavalo no intuito de se refugiar do temporal. O temporal começa e ambos entram na casa de Calixta.





A descrição do quarto de Calixta, feita pelo narrador, “o quarto dela, com a caminha de Bibi [filho] junto à cama do casal” (CHOPIN, 2011.p.49) corrobora o papel de anulação, autossacrifício que as mulheres (Calixta, por exemplo) assumem ao se casarem (GOUVEIA, 1999). Porque, como mencionado anteriormente, mesmo vivendo em uma sociedade patriarcal, parece ser no papel de esposa e/ou mãe que a mulher chega ao ápice da submissão e anulação de si mesma.

Após poucas trocas de palavras, e sentindo-se um tanto perturbada com a presença de Alcée e com barulho da chuva,

Ela foi até a janela e ficou ali parada, com uma expressão de grande perturbação no rosto. [...] Alcée levantou-se e juntou-se a ela, olhando para fora, por cima do ombro de Calixta.[...] Um raio atingiu um cinamomo mais alto na beira do campo que margeava a estrada. Ele preencheu todo o espaço visível com um clarão ofuscante, e o choque pareceu atingir até as tábuas do piso onde eles estavam parados. Calixta levou as mãos aos olhos e com um grito cambaleou para trás. O braço de Alcée amparou-a, e por um instante ele a puxou para si num espasmo (CHOPIN, 2011, p.49-50).

Percebemos como os elementos da natureza colaboram, nessa imagem sinestésica, para a mobilização da visão e tato que contribuem para a (re)aproximação corporal dos personagens que sentem aflorados seus desejos adormecidos. Após esse susto, Alcée tenta acalmá-la, ele se aproxima e a toca, ajeitando o seu cabelo, e logo Calixta “ergueu os olhos para ele, o medo em seus líquidos olhos azuis tinha dado lugar a um brilho modorrento que inconscientemente denunciava um desejo sensual. Ele devolveu o olhar [...]” (CHOPIN, 2011, p.50). A partir dessa nova mobilização da visão e do tato ambos se beijaram, sendo assim impossível resistir ao desejo,

Não deram atenção à chuva torrencial, e o estrondo dos elementos da natureza fez Calixta rir quando se deitou nos braços de Alcée. Ela foi uma revelação divina, naquele quarto cheio de penumbra e mistério; branca como a cama em que se deitou (CHOPIN, 2011, p.51).

Nesse momento da concretização/realização de seus desejos, percebemos que a influência do toque, entre eles, e dos “estrondos dos elementos da natureza” (audição), se integram para o alcance do gozo, da satisfação de um desejo reprimido que fica claro no momento que

Ele lhe tocou os seios, estes se entregaram hirtos, num êxtase trêmulo, um convite aos lábios de Alcée. [...] Ele permaneceu aconchegado por cima dela, sem fôlego, deslumbrado. Enfraquecido, o coração batendo como um martelo



sobre ela. [...] O rosnado do trovão estava distante e foi aos poucos silenciado. A chuva mansa batendo no telhado era um convite à preguiça e ao sono – que eles não se atreveram a aceitar (CHOPIN, 2011, p.51).

Vemos que o título “O temporal” é um símbolo importante uma vez que se pode fazer um paralelo do desenrolar desse temporal com a entrega de Calixta ao desejo: algo momentâneo. Quanto mais forte o temporal fica, mais intensa é a relação sexual entre ela e Alcée. E quando esse temporal aos poucos vai se silenciando como um “convite à preguiça e ao sono – que eles não se atreveram aceitar” representa o fim daquele momento de prazer, e que de agora em diante cada um deve voltar a sua vida normal, que é enfatizado na última linha do conto: “Assim, o temporal passou e todos estavam felizes” (CHOPIN, 2011, p.53).

Após o temporal, quando o marido e o filho retornam, podemos perceber certa inversão de papéis, já que seu marido chega em casa com uma lata de camarão no intuito de agradar a esposa, e esta, mesmo após ter tido relação extraconjugal, o recebe com bom humor e sorrindo, não demonstrando sentimento de culpa ou arrependimento. Da mesma forma que ocorre em “Um par de meias de seda”, a voz narrativa desse último conto analisado não tece nenhum tipo de julgamento, principalmente em relação às atitudes das protagonistas femininas que também não demonstram nenhum sentimento de culpa ou arrependimento em relação a seus atos.

Logo, o leitor vê-se diante de protagonistas que se mostram divididas entre a satisfação de seus desejos e as obrigações morais e sociais impostas pelos valores tradicionais, sendo que, essas protagonistas femininas conseguem, mesmo que por um breve período de tempo, satisfazer seus próprios desejos de forma autônoma ou emancipatória (SILVESTRE, 2007) em detrimento das imposições da sociedade patriarcal (SULTANA, 2011).

## **5 Considerações Finais**

Tendo em vista os argumentos apresentados, pode-se dizer que Kate Chopin foi, sem dúvida, uma escritora à frente do seu tempo, visto que em seu fazer literário já suscitava questionamentos acerca das relações de gênero impostas pelo patriarcalismo (GOUVEIA, 1999), mais especificamente no século XIX. Esses questionamentos e críticas são feitos de forma sutil e contundente, através de narrativas curtas, como percebemos nos contos aqui analisados, em que se tem uma personagem feminina como centro da narrativa, sendo essa personagem um símbolo do gênero feminino da sociedade patriarcal. É através do



comportamento e atitudes de tal personagem que se põe em questão esse papel que é criado para e assumido pelas mulheres (SILVESTRE, 2007).

As protagonistas dos respectivos contos, Sra. Sommers e Calixta, são símbolos do ideal de mulher para a sociedade patriarcal (século XIX no caso), exceto no momento em que, estimuladas por sensações captadas por seus sentidos elas superam, por um instante, o autossacrifício e anulação de si mesmas por uma necessidade de satisfação pessoal: seja gastando todo o dinheiro, que deveria ser gasto com seus filhos, comprando meias de seda e outros objetos e serviços (restaurante e teatro) ou tendo uma relação extraconjugal. A satisfação de prazeres, que se apresentaram viáveis naquele momento, mostrava-se mais importante.

O comportamento e atitude dessas protagonistas mostraram que, ao contrário do que se esperava de uma mulher de uma sociedade patriarcal e também do século XIX, elas foram capazes de criar certa autonomia. Isso, de certa forma, as colocam em uma situação equânime aos homens, sendo elas também capazes de satisfazer seus desejos mesmo através de um adultério ou gastando o dinheiro que deveria ser gasto com os filhos, sem sentir remorso, da mesma maneira que um homem faria, uma vez que esse tipo de comportamento quando associado ao gênero masculino era aceito pela sociedade da época.

Mesmo tecendo críticas através de protagonistas que iam de encontro ao que se esperava de uma mulher casada e mãe de família na sociedade patriarcal, notamos que ao final de cada conto, aquele momento de certa autonomia, de satisfação dos desejos chega ao fim, e a vida volta ao que era antes daquele momento. Esse movimento circular de retorno ao ponto inicial pode ser entendido como uma forma de denunciar uma quase impossibilidade de uma mulher, do século XIX, conseguir mudar seu destino devido à força do patriarcalismo (que influencia nossa sociedade ainda nos dias atuais).

## **Referências**

CHOPIN, K. *Um par de meias de seda*. Trad. Márcia Knop. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

CHOPIN, K. *O temporal*. Trad. Denise Mariné. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

GINEZ, E. T. B.; NOVAIS, M. C. F.; MORAES, R. C. A sinestesia como fulcro da metapoesia de Manoel de Barros em o livro das Ignoranças. *Moinhos*, Mato Grosso, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2012.

GOUVEIA, T.; CAMURÇA S. *O que é gênero*. 2. ed. Recife: SOS Corpo, 1999.



KNOP, M.; GUERRA, H. In: VIÉGAS-FARIA, B. et al (Orgs.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 5-6.

MARI, H. Sinestesia e metáforas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 257-282, 2014.

SILVESTRE, M. A. C. *Processos de construção e representação da identidade feminina em contos de Kate Chopin*. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. Disponível em <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp022929.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp022929.pdf)> acessado em agosto de 2014.

“Sinestesia”. Df. 2e. *Dicionário do Aurélio*. 2008. Online. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/sinestesia>> acessado em agosto de 2014.

SULTANA, A. Patriarchy and Women’s Subordination: A theoretical Analysis. *The Arts Faculty Journal*. 2011. Disponível em <<http://www.banglajol.info/index.php/AFJ/article/download/12929/9293>> acessado em julho de 2014.

Recebido em: 11/08/2016

Aceito em: 30/08/2016

